

TURISMO PEDAGÓGICO COMO METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM

Elsine Carneiro Falcão¹

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar como a viagem pedagógica pode contribuir no aspecto do aprendizado do aluno, através da percepção e comparação entre os conceitos aprendidos em sala de aula e a realidade do seu entorno. Assim, a **pesquisa** foi embasada em estudos bibliográficos que permitiram, à luz dos autores Malmegrin (2010), Prado (2006), Hora; Cavalcanti (2003), fundamentar as ideias propostas. Esta **pesquisa** aprofundou-se nesses conceitos: interdisciplinaridade, turismo, educação e turismo pedagógico. Através do estudo, verifica-se que a educação focada não somente em conceitos, mas também em vivência educacional prática, contribui de forma significativa, para a formação de permitindo formar profissionais mais conscientes no aspecto prática *versus* teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade. Turismo. Educação. **Turismo Pedagógico** (talvez essa última palavra-chave seja dispensável).

Com a mudança do resumo, ver o abstract

SUMMARY: The interdisciplinary practice should be part of any undergraduate academic proposal, due to the existing relevant contribution between theory and practice. This work aims at understanding the importance of tourism as a pedagogical learning methodology for the training of tourism professionals. Given the above, the aim of this paper is to show how travel can contribute to pedagogical aspect of student learning, through perception and comparison of the concepts learned in the classroom and the reality of their surroundings. Thus, the research was based on published studies of the authors Malmegrin (2010), Prado (2006), Hora; Cavalcanti (2003), that allowed to support the proposed ideas. This research has deepened the following concepts: interdisciplinary, tourism, education and educational tourism. Through the study, it was verified that education focused not only on concepts, but also in practical educational experience in a significantly way, allowing to form more conscious professionals in practice versus theory aspect.

Keywords: Interdisciplinary. Tourism. Education. Educational Tourism.

¹ Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bacharel em Turismo pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Técnico em Turismo pelo Instituto Federal do Ceará – IFCE. Professora do Curso de Turismo da Faculdade Cearense – FAC. E-mail: elsinecarneiro@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Os negócios relacionados ao setor de turismo crescem gradativamente no mundo e, para atender a esse universo consumidor, surge a responsabilidade por parte das Instituições de Ensino, de formar profissionais capacitados não somente no aspecto teórico, mas que tenham a capacidade de relacionar teoria e prática. A grande questão está na reflexão sobre o tipo de qualificação oferecida a esses futuros profissionais e qual a forma de aplicação desses conhecimentos à luz da sociedade e do mercado de trabalho.

O turismo pedagógico como metodologia de aprendizagem ainda é pouco utilizado no cenário educacional e, devido a isso, há poucos estudos sobre o tema, daí o interesse na presente discussão. No intuito de fortalecer no corpo docente a ideia de uma nova proposta de cunho interdisciplinar, e nos estudantes de turismo gerar habilidades cognitivas, esse tipo de vivência prática oferece ao aluno a oportunidade de perceber e analisar determinadas realidades externas à sala de aula que somente se constroem no âmbito do convívio e interação com o seu entorno.

Sabe-se que no setor do turismo é indiscutível a influência das demais áreas científicas do conhecimento. Entende-se que a busca por uma maior diversidade de formas de aprender e ensinar sobre essa transversalidade se faz necessária, diante da necessidade de valorizar e consolidar o saber no universo do turismo. Observa-se que, muitas vezes, egressos de cursos acadêmicos em turismo não se inserem no mercado de trabalho devido à inserção de profissionais oriundos de outras áreas de conhecimento nesse setor.

Diante disso, conhecer os conceitos que tratam a respeito do turismo pedagógico e sua prática é possibilitar crescimento no campo da interdisciplinaridade acadêmica, área defendida pelas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação do Brasil e, por consequência, fortalecer a formação do corpo discente.

Para a realização desse estudo, seguiu-se um quadro conceitual proposto pelos autores Malmegrin (2010), Prado (2006), Hora, Cavalcanti (2003), Ansarah (2002), Cooper, Shepherd, Westlake (2001), obtendo como resultado uma pesquisa de caráter bibliográfico.

VIVÊNCIA INTERDISCIPLINAR NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE TURISMO

A década de 1970 foi marcante para o surgimento dos cursos de turismo no Brasil. Desde então, a partir de novas diretrizes curriculares, evoluções mercadológicas e aumento de demanda, novas feições para esse setor foram definidas. Todavia, mesmo como o passar dos anos, a proposta fundamentalmente era de âmbito técnico-operacional sem maiores pretensões no sentido de promover uma formação de condições interdisciplinares.

Sendo o turismo uma área de crescimento expressivo no mundo, a necessidade da qualidade na prestação de serviço é uma questão determinante. Por isso, observa-se que diante dessa realidade e por apresentar ao país, um potencial indiscutível para o desenvolvimento desse segmento, os primeiros cursos de turismo do Brasil iniciaram sua trajetória acadêmica em cidades de grande referência nacional, como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro. Todavia, as características iniciais eram sem tanta expressividade, devido a investimentos iniciais relacionados a esse mercado, serem oriundos praticamente do setor público (TRIGO, 1991).

Embora na atualidade, o mercado turístico cresça numa condição globalizada, ainda num aspecto local, é notória a carência de planejamento no sentido de desenvolver uma atividade com características mais sustentáveis. Se na condição de consumo, ou seja, de oferta e procura esse desequilíbrio é percebido, em relação à formação dos profissionais que se inserem nesse mercado, ainda é perceptível falhas relacionadas à construção de planos que agreguem um diferencial qualitativo no que diz respeito a entender o turismo na perspectiva de um modelo sistêmico em toda a sua concepção. Conforme teoriza Beni, o sistema é:

Como um conjunto de partes que interagem de modo a atingir um determinado fim, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas, idéias ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo (BENI, 1998,p.25).

Relacionando a teoria de sistema ao setor turístico, o turismo passou a ser considerado um sistema, partindo da sua inter-relação com os mais variados sistemas existentes. De acordo com Petrocchi (2001, p.24), "O turismo caracteriza-se pela confluência de inúmeras disciplinas que o influenciam: condições econômicas, sociais, demográficas, culturais, geográficas políticas e tantas outras tanto da região de destino quanto da região de

origem". Logo, para compreensão da complexidade do turismo, se faz necessário o conhecimento da sua interação com os demais setores e para o seu ensino e aprendizagem, o desenvolvimento de uma visão interdisciplinar.

De acordo com Fazenda (2005), a primeira iniciativa para o “fazer” interdisciplinar é o ‘pensar’ de forma interdisciplinar. Enfatiza a autora que a interdisciplinaridade possui vários significados e, por isso, a dificuldade de muitos educadores em entendê-la. Contudo, independente das interpretações, algo não muda: o fato de o conceito de interdisciplinaridade agregar a ideia de um novo posicionamento e uma nova forma de pensar diante do desafio do conhecimento.

Embora sendo disseminada no meio acadêmico de forma relativamente recente, ou seja, em 1990, percebe-se que a prática da interdisciplinaridade, para muitos gera medo e insegurança. Talvez porque o convite à quebra de paradigmas na educação seja algo ainda em construção, embora totalmente necessário.

No caso específico dos cursos de turismo que se relacionam com outras ciências, essa premissa é imprescindível, tendo em vista sua característica relacional com as mais diversas áreas de conhecimento da sociedade. A própria globalização induz a um redesenho nas propostas relacionadas à qualificação profissional, tendo em vista o foco atual na competência de pessoas. Diante disso, a busca pela flexibilização na educação relacionada ao turismo se torna um diferencial no sentido de agregar novas metodologias a esfera educacional (ANSARAH, 2002).

Apresentar e discutir a interdisciplinaridade em turismo através de *cases* de mercado, visitas técnicas, aulas de campo, convênios entre empresas e instituição de ensino, projetos de pesquisa, viagens de observação, entre outros, é uma forma de quebrar a rigidez da sala de aula e proporcionar ao corpo discente uma experiência de vivência e observação, cujo significado extrapola a limitação do espaço físico tradicional de ensino e aprendizagem (ANSARAH, 2002). A inserção de conhecimentos aproximados da vivência prática é um diferencial no que diz respeito à qualificação para o mundo, é possibilitar o ‘pensar’ de forma conectada com as realidades da vida.

No que diz respeito à Educação, entendida como um processo permanente, ela não pode parar no ensino, ou seja, na pura instrução. Nesta função, os meios de comunicação estão muitos anos luz à nossa frente. A informação está disponível em toda a parte. A aprendizagem, sintetizada em receber a informação e memorizá-la, também nada representa em termos de mudança. Infelizmente, em muitos lugares é a escola que temos. Trata-se de um processo alienante. A contribuição mais importante que podemos oferecer aos nossos alunos é ensinar a pensar (BIZ, 2012. p.35).

Prado (2006, p.67), salienta que “a educação não acontece somente nos meios formais e oficiais, e não deve ser defendida como objeto essencialmente escolar, mas sim como objeto das relações entre os homens”. Sobre essa ideia, se fundamenta o turismo pedagógico como uma prática interdisciplinar que, ao atingir o seu objetivo que é o “aprendizado”, se configura invariavelmente como uma proposta informal em um ambiente externo à sala de aula.

UMA NOVA FORMA DE PENSAR E FAZER TURISMO

O desenvolvimento da educação em turismo tem passado por grandes evoluções nas últimas décadas. Essas mudanças decorrem do crescimento do setor e da necessidade urgente de qualificação. “Houve tempo em que o turismo era apenas um suplemento para disciplinas mais reconhecidas, aumentando o foco dos cursos recentemente concebidos e as áreas primárias de estudo.” (COOPER; SHEPHERD; WESTLAKE, 2001, p. 29).

De acordo com Muller (2003), vivemos numa sociedade “móvel” cuja tendência dos indivíduos é intensificar o movimento em busca do bem estar e da auto realização. Diante desse perfil, a sociedade tende a se relacionar pouco com a comunidade local, buscando deslocar-se cada vez mais para lugares distantes a fim de vivenciar experiências em ambientes desconhecidos. Observa-se que a tendência desses deslocamentos dentro do turismo tem sido feita de forma massificada, ou seja, em grupos, nos quais a busca pela infraestrutura, apesar de ser real, não tem sido apontada como principal.

Assim, a hospitalidade não pode ser compreendida na sua forma reduzida de apenas atender às necessidades tangíveis do hóspede. É necessário compreender e refletir que, por trás de toda relação hospitaleira, estão dois indivíduos; seres humanos que podem e devem desenvolver relações afetivas numa maior ou menor intensidade. (HSIEN, 2010, p.102).

Embora o turismo na perspectiva da economia seja classificado como indústria, na realidade é uma prestação de serviço à indústria. Seria uma atividade relacionada ao setor terciário em que o turista na sua condição de consumidor cria a expectativa de ser atendido com excelência. Sobre isso, Olsen (2003) apresenta o seguinte pensamento:

Nos dias de hoje, isso geralmente se traduz na competição entre os setores de viagens e hospitalidade para criar e gerenciar o melhor programa de fidelidade de

clientes. Para atingi-lo, o preço da fidelidade será ter produtos e serviços superiores que agreguem valor real e significativo para o cliente. (OLSEN, 2003. p.220).

Desde os tempos antigos a qualidade vem sendo conceituada de inúmeras formas. No entanto, nos tempos modernos a consideração ao item qualidade tem sido premissa básica para a sobrevivência das organizações. Pelas configurações do mercado o conceito de qualidade tem sido utilizado como sinônimo de excelência, ou seja, o que há de melhor sendo ofertado na prestação de um serviço ou de um produto. Mas, de acordo com Yasoshima (1997 apud TRIGO, 2005, p.150), “[...] a qualidade não significa a melhor performance, mas sim a performance especificada para responder a uma determinada necessidade.” Para uma melhor compreensão se faz necessário esclarecer que a performance especificada trata do nível ou tipo de serviço requisitado pelo usuário.

Entende-se, então, que de acordo com as exigências, cobra-se um padrão de conformidade passível a alterações. “Ou seja, há a necessidade de se ajustar constantemente o serviço ofertado de modo que este atenda ao que for especificado pelo usuário em diferentes momentos.” (TRIGO, 2005.p. 151).

Classificando a mão de obra profissional como um serviço turístico e entendendo que o serviço turístico pode ser compreendido como complexo devido a sua rede de conexões envolvidas, percebe-se a importância da existência da qualidade também na formação profissional daqueles que pretendem atuar nesse ambiente de negócios.

Assim, é nesse contexto que se insere o compromisso das Instituições de Ensino em formar profissionais qualificados para um setor tão exigente. A busca da qualidade na área da educação em turismo sem dúvida é uma forma de contribuir efetivamente para atender a uma performance especificada pelo mercado de trabalho.

A educação pode ser definida como um processo que dá ao indivíduo um conjunto de princípios, não aplicações detalhadas. Ela deve fornecer ao estudante um conjunto de ferramentas para interpretação, avaliação e análise de um novo conhecimento ao desenvolver suas capacidades críticas. A educação para o turismo olha além de um setor individual e tenta oferecer mais perspectiva geral do que uma abordagem específica de um setor. (COOPER; SHEPHERD; WESTLAKE, 2001, p. 173).

Diante da definição, importante é perceber a relevância da visão interdisciplinar na formação do futuro profissional. Segundo Malmegrin (2010), a necessidade da visão interdisciplinar é algo emergente na segunda metade do século XX, como forma de se

contrapor a visão fragmentada do século anterior que muito contribuiu para a desintegração do conhecimento e a especialização exagerada em disciplinas que, na verdade, limitou a possibilidade da intersetorialização. De acordo com Malmegrin (2010, p.35), “[...] enquanto a interdisciplinaridade afeta mais notadamente o pensar, a intersetorialidade, que deve ser considerada desde o planejamento das ações é mais sentida quando do fazer.”

Sem dúvida, a percepção de novas metodologias que levem o aluno a pensar e fazer ao longo da sua formação acadêmica é uma tentativa válida de formá-lo numa condição distante de uma ótica fragmentadora, que na maioria dos casos o acompanha desde a sua formação inicial. É na busca dessa quebra de paradigma que Morin (1996) faz a seguinte observação: “[...] as ciências não tem consciência do seu papel na sociedade, as ciências não tem consciência dos princípios ocultos que comandam suas elucubrações; e as ciências não tem consciência de que lhes falta consciência.” (MORIN, 1996 *apud* MALMEGRIN, 2010, p.36).

Compreendendo o turismo como um fenômeno social, por envolver pessoas, bem como dinâmico, o que, aliás, pode ser considerado como uma das suas principais características, conclui-se que, em relação ao ensino e à educação, a proposta não pode ser diferente.

Se dentro da própria sociedade são desenvolvidas complexas redes privadas com o objetivo de oferecer educação, fazendo-se valer de diversas técnicas de marketing e comercialização para atrair seu público, não seria estranho conceber uma modalidade de turismo cuja principal característica fosse não apenas a satisfação da curiosidade por novos lugares e culturas, mas também o ensino formal propriamente dito. (HORA; CAVALCANTI, 2003, p. 223).

O Ministério da Educação, ao elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais, reafirmou a importância do trabalho externo à sala de aula, esclarecendo que essa prática tem muito a contribuir com a educação do Brasil. De acordo com Prado (2006, p.67), “[...] muitas vezes a aprendizagem de determinados conteúdos requer exploração de espaços da comunidade.”

Para o mesmo autor, a partir dos Parâmetros Curriculares estabelecidos pelo Ministério da Educação, acredita-se que a transversalidade busca a construção de uma relação entre o universo social e o educacional.

Os temas transversais devem ser abordados em todas as áreas do conhecimento, e permear todas as disciplinas. Tem como objetivo primordial levar aos alunos questões atuais da realidade social dos educandos, como, por exemplo, meio ambiente, ética, pluralidade cultural, trabalho e temas considerados importantes pela comunidade escolar e não-escolar. Os conteúdos escolares devem ser conectados aos espaços de vivência, proporcionando o entendimento, a explicação e a interferência

nos mesmo, contribuindo para a melhor qualidade de vida e para a justiça social (PRADO, 2006, p.68).

Com o objetivo de aproximar os estudantes da vivência prática do turismo, entende-se que a ideia da viagem como recurso pedagógico para o ensino é uma excelente ferramenta na construção do saber. Analisando o espaço turístico como ambiente não somente voltado para o lazer, mas de observação e aprendizado acadêmico, percebe-se a existência de uma grande valia que, inclusive, encontra respaldo dentro de algumas correntes pedagógicas, principalmente as influenciadas por Célestin Freinet. (HORA; CAVALCANTI, 2003). Sobre essa influência:

Vale ressaltar que as técnicas de Freinet, em especial a aula passeio, ou aula das descobertas, são identificadas como um elo entre a pedagogia e o turismo, sobretudo se essa ligação for interpretada sob o prisma da animação, conferindo ao turismo pedagógico o status de 'aula com animação'. (HORA; CALVACANTI, 2003, p. 223).

Quanto à animação destaca-se que:

Não deve-se perde de vista que a animação é fundamentalmente um processo para desbloquear e desencadear um processo de participação, de expressão e, se possível, de criatividade cultural. É exatamente o estímulo à criatividade o melhor caminho por meio do qual se pode atingir a participação. (HORA; CAVALCANTI, 2003, p. 223).

Desta maneira, criar em um aluno um olhar de turista, ou seja, de observação, é gerar espaço para novas percepções e criatividade. É facilitar a compreensão de um conhecimento que, visto em sala de aula, ganha a partir da verificação *in loco*, novas dimensões. Na verdade, a proposta tem por objetivo oportunizar um novo olhar, sendo este agora crítico e livre de alienações e fantasias acerca do ambiente estudado. A proposta de unir vivências turísticas e práticas educacionais tem no seu âmago o intuito de contribuir com o desenvolvimento não somente pessoal, ou seja, de quem o realiza, como também gerar possibilidades de análises globais dos destinos visitados. (HORA; CAVALCANTI, 2003).

Certamente os conteúdos teóricos devem significar um meio e não um fim em si mesmos. Professores e alunos devem buscar as “entrelinhas” dos textos e partir para uma observação mais profunda, possibilitando o entendimento do porquê daquilo que ensinam e estudam (MILL; SILVA; BRITO, 2005).

Percebe-se, então, que a experiência do turismo pedagógico, embora não sendo uma prática antiga, possibilita uma série de ganhos. Entre eles, a reflexão sobre um tema pouco difundido que, dependendo no seu grau de exploração, poderá gerar grandes contribuições tanto para o aproveitamento acadêmico dos estudantes de turismo.

CONCLUSÃO

De acordo com o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), o turismo tem crescido em quase todo o mundo e por isso tem se configurado como um segmento receptivo a investimentos públicos e privados. Carente de mão de obra qualificada, o setor de serviços no qual está inserido, vê-se desafiado constantemente a atender uma demanda crescente que cada dia se torna mais exigente em relação àquilo que lhe é ofertado. Isso ocorre devido ao aspecto sistêmico do turismo que o define como um todo formado por partes que interagem entre si com objetivos comuns.

Aqueles que ensinam e estudam o setor turístico compreendem essa realidade e entendem a relevância do planejamento, ação, avaliação e controle na formação profissional como premissas básicas para busca das oportunidades que são geradas pela cadeia produtiva do turismo. A relação entre educação teórica e prática com planejamento direcionado à qualificação profissional permite melhor suprimento das exigências do setor turístico com o “input” das Instituições de Ensino.

Considerando que a atual conjuntura educacional é marcada por grandes transformações, um dos campos onde isso é percebido é na produção do conhecimento e na forma como ele é repassado. O reconhecimento da importância da interdisciplinaridade na formação de um profissional através de metodologias específicas para esse fim, sem dúvida, indica a necessidade de vivências educacionais às vezes não convencionais, mas que podem ser grandes descobertas a partir da análise dos resultados alcançados.

Além disso, é importante esclarecer que a abordagem da educação prática como elemento de formação no turismo possui outra face distinta, além do aspecto profissional/mercadológico. Configura-se também como instrumento de transformação de valores pessoais diante da visão e análise *in loco* do tipo de turismo que tem se desenvolvido no destino estudado. É sabido que a preocupação em oferecer uma formação competitiva tem levado à construção de currículos e projetos excelentes por parte das Instituições de Ensino.

Entretanto, a questão é perceber até que ponto esses planos e projetos têm aproximado o acadêmico da realidade que o cerca.

Por fim, importa frisar que essa mesma realidade tem se inserido algumas vezes dentro de um contexto de desequilíbrio social, ambiental e cultural que, limitado a uma sala de aula, dificulta a visualização pelo aluno. Para a percepção dessas situações a educação focada não somente em conceitos, mas também em vivências educacionais práticas, certamente contribuirão de forma significativa, garantindo assim, entre tantas possibilidades, gerar um olhar crítico sobre o turismo (in) sustentável.

REFERÊNCIAS

ANSARAH, M. Formação e capacitação profissional do profissional em turismo e hotelaria. São Paulo: Aleph, 2002.

BENI, M. Carlos. Análise estrutural do turismo. 2 ed. São Paulo: SENAC, 1998.

BIZ, O. Mídia, educação e cidadania. In: OLIVEIRA, Maria Olivia de Matos; PESCE, Lucila. (Org). Educação e cultura midiática. Salvador: EDUNEB, 2012. cap1, p.19-46.

COOPER; Chris; SHEPERD, Rebecca; WESTLAKE, John (2001) Educando os educadores em turismo: manual de educação e hospitalidade. SP: Roca, 2001.

FAZENDA, I.C.A. Práticas interdisciplinares na escola. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HORA, Alberto Segundo Spínola da; CAVALCANTI, Keila Brandão. Turismo pedagógico: conversão e reconversão do olhar. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer. (Org). Turismo contemporâneo. São Paulo: Atlas, 2003.

HSIEN, E. Hospitalidade e Sustentabilidade. In: PHILIPP, Arlindo Jr; RUSCHMANN, Doris Van de Meene. (Org). Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo. Barueri- SP: Manole, 2010.

MALMEGRIN, M. L. Redes públicas de cooperação local–Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES : UAB, 2010.

MULLER, H. Hospitalidade e o turista do futuro. In: LOCKWOOD A; MEDLIK, S (Org). Turismo e hospitalidade no século XXI. Barueri- SP: Manole, 2003.

MILL; D; SILVA, A.R. da; BRITO, N. Sala de aula virtual: novos lugares e novas durações para o ensinar e aprender na contemporaneidade. In: OLIVEIRA, Maria Olivia de Matos; PESCE, Lucila. (Org). Educação e cultura midiática. Salvador: EDUNEB, 2012. p.169-192.

OLSEN, M. Hospitalidade e o turista do futuro. In: LOCKWOOD A; MEDLIK, S (Org). Turismo e hospitalidade no século XXI. Barueri- SP: Manole, 2003.

PETROCCHI, M. Gestão de pólos turísticos. 2 ed. São Paulo: Futura, 2001.

PRADO, B. F. M. Turismo como ferramenta pedagógica: experiência em escolas de Belo Horizonte. In: BAHL, Miguel; AGUIAR, M. de Fátima. (Org). Competência profissional no turismo e compromisso social. São Paulo: Roca, 2006.

TRIGO, L.G.G. Análises regionais e globais do turismo brasileiro. São Paulo: Roca, 2005.

_____. A sociedade pós- industrial e o profissional em turismo. Campinas: Papirus, 1991.



FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO

Título	TURISMO PEDAGÓGICO COMO METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM	
Autor (es)	Elsine Carneiro Falcão	Docente (<input checked="" type="checkbox"/>) Discente (<input type="checkbox"/>)
		Docente (<input type="checkbox"/>) Discente (<input type="checkbox"/>)
		Docente (<input type="checkbox"/>) Discente (<input type="checkbox"/>)
		Docente (<input type="checkbox"/>) Discente (<input type="checkbox"/>)
Estrutura e Formatação	De acordo	
Texto	De acordo	
Parecer	Favorável. Sugiro última revisão de texto.	